

**TERRITORIALIZAÇÃO PRECÁRIA E CIDADE INFORMAL: UM
OLHAR SOBRE A CIDADE DE MOSSORÓ (RN)**

*PRECARIOUS TERRITORIALIZATION AND INFORMAL CITY: THE
MOSSORÓ(RN) CITY PERSPECTIVE*

*TERRITORIALIZACIÓN PRECARIA Y CIUDAD INFORMAL: UNA MIRADA SOBRE
LA CIUDAD DE MOSSORÓ (RN)*

Rodrigo José de Góis Queiroz¹
Universidade Federal do Ceará – UFC

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: joserodrigois@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo procura analisar a formação da cidade informal em Mossoró-RN, especificamente as ocupações irregulares e o processo de favelização, compreendendo o processo histórico de produção da cidade através da migração de retirantes sertanejos em períodos de seca. O objetivo principal desta investigação foi compreender o processo de produção dos territórios precários na cidade de Mossoró. Fazemos um levantamento teórico sobre o entendimento da cidade informal bem como do processo de favelização, ao passo que apresentamos dados sobre este processo na cidade de Mossoró. Na sequência, apresentamos uma fundamentação sobre pesquisa qualitativa e trazemos as entrevistas como representação vivida dos sujeitos em suas trajetórias.

Palavras-chave: Território; Cidade informal; Favela.

Abstract

This paper focus on formation of informal city in Mossoró -RN, mainly it's irregular occupations and the slums development process. Therefore comprehend the historical process of production of the city through the migration of sertanejo retreatants in periods of drought. This investigation aimed to realize the production process of precarious territories in Mossoró city. We make a theoretical research about the meanig of informal city and the slums development process while we present data on that in the city of Mossoró. Furthermore we present an explanation about qualitative research and expose the interviews as representation of subjects in their trajectories.

Keywords: Territory; informal city; Slum.

Resumen

La investigación aborda la formación de la ciudad informal en Mossoró-RN, en especial las ocupaciones irregulares y el proceso de favelización, conociendo la historia de producción de la ciudad a través de la migración de retirantes sertaneros en plazos de sequía. El objetivo principal de este estudio fue comprender el proceso de producción de los territorios precarios en la ciudad de Mossoró. Hacemos una búsqueda teórica sobre la comprensión de la ciudad informal así como del proceso de favelización, mientras que exhibimos datos sobre este desarrollo en la ciudad de Mossoró. Como consecuencia, presentamos una fundamentación acerca de la pesquisa cualitativa y traemos las encuestas como representación vivida de los sujetos en sus trayectorias.

Palabras claves: Territorio; Ciudad informal; Favela.

1. Introdução

Neste artigo nos propomos a estudar a produção da cidade informal, compreendida aqui como aquela cidade que cresce as margens da legalidade, através de ocupações ou mesmo do próprio processo de favelização. Procuramos um enfoque em pesquisa qualitativa, através das dimensões de apropriação e dominação que o conceito de território nos apresenta, trazendo à tona as representações que os sujeitos envolvidos carregam em suas lutas pelo acesso ao espaço urbano.

Argumentamos que a migração de sertanejos desde o final do século XIX e durante todo o século XX nos períodos de seca foi importante como uma mão de obra barata para as economias de Mossoró, ao mesmo tempo em que estes foram formando as favelas da cidade. Expomos os números do crescimento populacional e relacionamos com os dados do processo de favelização.

Apresentamos algumas noções sobre o que vem a ser a cidade informal bem como o processo de favelização, trazendo novos elementos para compreensão deste processo para além das dimensões físicas do território. O processo de formação da identidade é de fundamental importância para um entendimento mais amplo do território, onde destacamos em nossa pesquisa em particular a existência de uma identidade sertaneja entre aqueles sujeitos pesquisados.

No segundo momento, apresentamos o processo de favelização e de precarização da vida através dos relatos em suas representações. Nesse processo, a pesquisa qualitativa surge como de fundamental importância para aproximação de estudos do cotidiano e do ordinário, trazendo como preocupação dar conta das representações dos agentes envolvidos na produção do território, tendo como estratégia captar o ponto de vista a depender da posição social ocupada no interior da problemática. Após triagem das entrevistas exploratórias, trazemos a tona as representações dos moradores da favela do Santa Helena, onde fica explícito que os moradores são migrantes em busca de melhorias de vida na cidade de Mossoró.

2. Elementos para uma análise da territorialização precária em Mossoró/RN

Em uma leitura clássica da geografia política, Raffestin (1993) apresenta sua concepção de produção territorial a partir de relações de poder entre diferentes atores sociais. Em suas

palavras: “O território [...] não poderia ser nada mais que produto de atores sociais. [...] Há, portanto, um processo do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8).

De todo modo, para Haesbaert (2007, p. 20), “território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.”

Enquanto relação social, uma das características mais importantes do território é sua historicidade, “o fato de considerarmos o território num sentido amplo, multidimensional e multiescalar, jamais restringindo-o a um espaço uniescalar como o do Estado nação, não implica menosprezar suas especificidades geo-históricas” (Ibidem, p. 96).

Trazemos a tona o conceito de território em uma dimensão relacional, enquanto espaço de conflitos, no intuito de uma melhor compreensão das lutas sociais na produção do espaço, bem como elemento profícuo para um aprofundamento do entendimento de suas perspectivas espontâneas, até mesmo a constituição de ativismos e movimentos sociais². Nas palavras de Haesbaert (2014, p. 90): “Território, neste debate, não é apenas uma questão de Estado. Na América latina, hoje, podemos afirmar, (re)territorializa-se é uma estratégia política de transformação social de grupos subalternos”.

Contemporaneamente, vem se desenvolvendo a teoria das identidades subalternas, com o intuito de dar voz aos sujeitos invisibilizados pelo processo de modernização, onde “sujeitos subalternizados categorizados como lavrador, ocupante ou simplesmente de comunidades primitivas, dentre outras denominações homogeneizantes, passam a reivindicar a identidade e a diferença em suas lutas” (BARBOSA; PORTO-GONÇALVES; 2014 p. 21).

Em publicação recente, Haesbaert (2014) alerta para o resgate da memória da dinâmica dos sujeitos subalternos na produção e apropriação do território como “arte da resistência”. Esse processo, em uma perspectiva geográfica, pode ser entendido como arte do contornamento, que seriam as dinâmicas de resistência territoriais dos grupos subalternos. Em suas palavras: “no caso do contornamento, em suas iniciativas próprias de superar e/ou subverter, das mais diversas formas, a situação de subordinação e/ou precariedade a que estão condicionados” (Ibidem, p. 297).

A perspectiva do território como uma relação de controle e dominação, que contraditoriamente apresenta uma tensão dos sujeitos sociais como possibilidade de

²“Assim, podemos afirmar que o território, relacionalmente falando, ou seja, enquanto mediação espacial do poder, resulta da interação diferenciada entre as múltiplas dimensões desse poder” (HAESBAERT, 2007, p. 93)

apropriação e construção de um novo território através das lutas sociais, nos possibilita uma ênfase na análise dos sujeitos subalternos.³

Em nossa discussão, buscamos o entendimento do sujeito coletivo subalterno que surge nos momentos de conflitos e embate pela cidade, propiciados pelas estiagens periódicas que assolam o semiárido nordestino, somadas à indústria da seca⁴, que tornam o processo eminentemente social. Como se sabe, traçando a geografia das relações políticas no sertão, observamos a manipulação interesseira dos recursos destinados às obras contra as secas.

Na escala do sertão, no âmbito da virada do século XIX para o século XX, incontestavelmente ecoava um burburinho contra a propriedade, com as ações de saque que se espalharam desde a seca de 1877, se fortalecendo com as lutas de Canudos como um projeto de reforma agrária popular⁵. Nas palavras de Davis (2002, p. 92): “Os sertanejos, “os homens mais honrados do mundo,” começaram a roubar gado e a saquear fazendas”.

Nesse sentido, buscando dar visibilidade a estes sujeitos vencidos procuramos trazer à tona seu ponto de vista, pois como alerta Martins (1992, p. 19), “a memória é um meio de afirmação dos que foram excluídos do fazer História. Por meio dela, declaram-se sujeitos”.

De todo modo, o fenômeno das secas durante todo o século XX assolando os pobres retirantes não diz respeito apenas ao fenômeno físico-climático, mas também, em um plano global, a flagrante não socialização dos benefícios da técnica moderna com esses sujeitos, que se apropriam precariamente das cidades e passam a depender das articulações coronelistas em torno da formação de discursos para uma indústria da seca, através da exploração da força de trabalho sertaneja em empreitadas da construção de melhorias públicas para a cidade.

Nesse momento, cabe tomar nota da argumentação de Neves (2000) em sua narrativa sobre a constituição do *sujeito político sertanejo* nas experiências acumuladas com ações de saques nos períodos de seca no sertão semiárido⁶, na qual afirma que os retirantes imprimiram

³ Tal perspectiva é desenvolvida desde as análises de Thompson (1998) sobre a economia moral e saques na Europa, em suas palavras: “A ética popular sancionava a ação direta coletiva, o que era categoricamente reprovado pelos valores da ordem que sustentavam o modelo paternalista” (p. 167). Em outra passagem ele diz: “vimos examinando um padrão de protesto social que deriva de um consenso a respeito da economia moral do bem-estar público em tempos de escassez” (p. 193).

⁴Do ponto de vista da abordagem política: Espaço dos coronéis, da oligarquia latifundiária, das eleições fraudulentas e das violentas disputas pelo poder político. “[...] A manipulação interesseira dos recursos destinados às obras contra as secas e a obtenção de favores políticos, via clientelismo, eram fatos conhecidos, mas, e esta observação deve ser registrada, não chegavam a afetar a imagem de sofrimento da região. [...]” (CASTRO, 1992, p. 59-60).

⁵ Remontando a história colonial, para Carvalho (2013), também se faz necessário rememorar as lutas dos quilombos dos palmares de 1695, pois Zumbi foi assassinado pelas forças escravistas da colônia portuguesa no Brasil. “O luto de Zumbi coloca na mira dos subalternos a opressão da elite brasileira” (CARVALHO, 2003, p. 83).

⁶ Nos anos de 1877-80, 1888-89, 1903, 1915, 1932, 1942-3, 1951-3, 1957-9, 1970-1, 1978-83, 1993-94 e 1998 – Ver: NEVES (2000).

novas formas de negociação com as elites locais através da pressão contra a propriedade privada.⁷

Por outro lado, a crítica prática da propriedade privada realizada pelo sertanejo em suas ações de massa em contexto de secas, devem ser compreendidas como “atos de vontade que precisam ser examinados em sua própria especificidade” (NEVES, 2000, p. 14). Para Neves (2000, p. 14), tais ações estão embrenhadas de “forma de negociação política que possui características específicas e não pode ser avaliada a partir dos padrões e códigos da política representativa, dita Moderna” (Ibidem).

O mesmo autor também afirma que, contudo, a tradição de análise dos movimentos sociais brasileiros não dá atenção aos processos de rebeldia espontâneos, como aqueles de saque feito pelos sertanejos, entendendo-os como pré-políticos, ao passo que os movimentos políticos são aqueles determinados por ideias exteriores à classe trabalhadora manifestadas em partidos.

Para o discurso oficial, a seca passou a ser um problema também nas pequenas cidades no final do século XIX, pois os retirantes exigem, com sua presença indesejada, uma solução imediata para suas aflições: trabalho, comida, esmolas. Nas palavras do autor: “O temor da população era de que os retirantes, em desespero, atacassem as propriedades, as casas e estabelecimentos comerciais para satisfazer sua fome animal e, embriagados pela violência, destruíssem o tecido social” (Ibidem, p. 41).

Nesse contexto, tendo em vista à seca de 1877 em Mossoró, Neves, (2000, p. 27), argumenta que a cidade que possuía em torno de 4.000 habitantes no ano de 1878, recebe cerca de 32.000 retirantes que passam a perambular pelas ruas, pedindo esmolas, ocupando as áreas públicas, agredindo a sensibilidade da elite urbana local.

Ao passo que, com a seca de 1877 formam-se os primeiros bairros “subalternos” da cidade, com a formação dos Paredões e Alto do Pão Doce (atual Bom Jardim) ao norte, bem como Alto dos Macacos (atual Alto da Conceição) ao sul⁸. No Alto do Pão Doce, por exemplo, durante as secas de 1877-1879 foi construído um abrigo “para recolhimento dos variolosos, enquanto esperavam a hora final” (SILVA, 1975, p. 34). No âmbito dos códigos de postura de 1881 e 1888, observa-se que os mesmos traziam certo receio com o “crime” por parte dos flagelados da seca que perambulavam pela cidade.

O processo de luta e apropriação do espaço em Mossoró continua no ano de 1881, quando casas feitas de barro e palha foram destruídas ao redor da igreja de Santa Luzia, bem

⁷ No que diz respeito à propriedade privada da terra, sua institucionalização no Brasil se dá com a lei de terras de 1850. O impacto da lei de terras no solo urbano “tornou absoluto o domínio dos imóveis de forma geral e o direito à propriedade foi elevado a condição universal.” (MARX, 1991, p. 57).

⁸ Ver croqui apresentado por Silva (1975) para os anos de 1870-1883.

como as casas de lata que ficavam ao lado do rio. Nas palavras de Raimundo Nonato da Silva “a partir de 1881, a Câmara Municipal de Mossoró mandou desapropriar e destruir os casebres que enfejavam a cidade” (SILVA, 1975, p. 26).

No âmbito da geografia, a noção de *territorialização precária* é de grande importância para nossa pesquisa, contribuindo na busca do entendimento da dimensão política no/do espaço urbano, pois estes são fruto de uma “condição social extremamente precarizada” (HAESBAERT, 2007, p. 327).

Assim, observamos a migração em massa da população rural para as cidades, conformando o processo de territorialização precária, surgindo aglomerados de exclusão no espaço urbano, as ocupações irregulares, muitas vezes questionadas judicialmente pela lei da propriedade privada, bem como pelos conteúdos normativos dos planos de organização do espaço urbano. Pudemos observar tais fatos, em nossa pesquisa sobre a cidade de Mossoró/RN, onde desde o final do século XIX e por todo o século XX ocorreram conflitos sociais no processo de produção territorial do espaço urbano.

No tocante aos territórios produzidos no âmbito da cidade informal, aqui reconhecidos como aglomerados de exclusão, Haesbaert (2007) afirma que estes dialeticamente apresentam de forma latente as possibilidades de apropriação ou dominação. Por um lado, “sendo a imprevisibilidade um dos traços fundamentais dos aglomerados de exclusão, não há como sustentar teses universalizantes que enaltecem o intrínseco poder revolucionário transformador dessas populações excluídas.” (HAESBAERT, 2007, p. 328).

Para Haesbaert (2007), existem muitos exemplos tanto de movimentos progressistas como de movimentos reacionários brotando das “massas”. Mas por outro lado, é importante não cair no conformismo e tentar refazer algumas utopias, “pois esse caráter disfuncional e essa desordem dos aglomerados trazem sempre, também, potencial e imprevisivelmente, a importância de enfatizar as condições para transformação e o novo” (Idem, p. 329).

Revisitando o processo de urbanização, observamos que na década de 1950 se intensificam os movimentos migratórios do campo para a cidade, motivados principalmente pelas dificuldades com a agricultura de subsistência nos períodos de seca. Mossoró continuava a ser opção para os migrantes, já que existiam postos de trabalho na indústria do sal e na agroindústria, em especial do algodão.

No que diz respeito ao crescimento populacional, de acordo com dados do IBGE, em 1950 a cidade tinha 40.681 habitantes, ao passo que na década de 1960 tinha uma população residente total de 50.690. Em 1970 passa a 97.245 e chegou a 145.981 em 1980. Naquela década

de 1950 observava-se uma tendência na urbanização brasileira na qual as cidades de porte médio com características de centro regional já despontavam.

Identificamos que no âmbito da formação das periferias da cidade de Mossoró, através dos anos de seca, as levas de migrantes, os retirantes, procuravam à cidade em busca da sobrevivência e acabavam realizando saques ao comércio em uma estratégia de sobrevivência e ocupavam as periferias da cidade formando as favelas e os bairros pobres.

Assim, destacamos o traço de identidade sertaneja no processo de *territorialização precária* na cidade de Mossoró. Para Haesbaert (2007), uma das características das favelas se dá na formação de uma identidade “com a população desenvolvendo laços com seu espaço vivido, mesmo em um território funcionalmente muito precário” (HAESBAERT, 2007, p. 335)

Nesse contexto, pensando a produção da cidade informal, bem como o processo de favelização, não podemos identifica-la apenas em sua dimensão física, pois “um aglomerado habitacional transforma-se em “favela” à medida que desenvolve um microsistema sociocultural próprio, organizado a partir de uma identidade territorial, fonte de um complexo de instituições locais” (BURGOS, 2005, p. 190).

Neste trabalho apresentamos uma discussão sobre a cidade informal, correspondente às formas de moradia predominantemente precárias (PEQUENO, 2010). Damos ênfase na pesquisa sobre a cidade de Mossoró/RN, onde procuramos compreender as trajetórias urbanas dos indivíduos, entendidos em seu coletivo como sujeitos sertanejos, na ocupação de espaços periféricos da cidade.

Procuramos compreender a formação das desigualdades na cidade, reconhecida dentre outras formas pela expansão da cidade informal, que tem como características os loteamentos clandestinos e irregulares, cortiços, conjuntos irregulares, áreas de risco. Em nosso trabalho damos ênfase na moradia precária, como aquelas que tomam parte do processo de favelização.

Em termos de conceituação, para instituições oficiais como o IBGE, por exemplo, favelas são áreas de habitação irregularmente construídas, sem arruamento, sem plano urbanístico, sem infraestrutura, que ocupam terrenos de propriedade alheia, dispostos de forma desordenada e carentes de serviços públicos essenciais.

A ONU as caracteriza pelo excesso de população, habitações pobres ou informais, acesso inadequado à água potável e condições sanitárias e insegurança da posse da moradia. De nossa parte, observamos que ambas as instituições se aproximam na conceituação, na medida em que destacam a relação entre os aspectos formais e informais da condição de propriedade, bem como a falta de infraestruturas básicas.

Davis (2006), por sua vez, leva em consideração o conceito da ONU, mas faz inúmeras críticas, afirmando ser o mesmo bastante restrito, pois só leva em consideração as características físicas e legais do assentamento evitando as dimensões sociais⁹.

De acordo com Kehl (2010), em sua breve história das favelas, quando um grupo não se insere no modelo socioeconômico dominante, ele é alijado da estrutura da cidade, procurando criar sua própria cidade, de forma espontânea, “amoldando-a a sua forma de existir e sobreviver” (Ibidem, p. 86). De todo modo, esta cidade não seria uma réplica empobrecida da cidade formal. Nas suas palavras: “na gênese de qualquer favela existe, em primeiro lugar, a expulsão de segmentos da sociedade da estrutura urbana formal, e busca pela construção de [...] uma teia de sobrevivência imediata” (Ibidem).

Rodrigues (1997) alerta para diferenciação entre favela e ocupação. As ocupações urbanas correspondem ao processo de organização dos moradores em conjunto com os movimentos reivindicativos urbanos. Para esta geógrafa: “Estas ocupações são também, como as favelas, irregulares do ponto de vista jurídico da propriedade da terra” (Ibidem, p. 43).

Por outro lado, as favelas são processos espontâneos de ocupação individual por parte daqueles que não possuem um lugar para morar com suas famílias. De todo modo, sempre é importante destacar a existência de dois tipos de cidade informal, qual seja, o *loteamento irregular*, no qual, mesmo em uma perspectiva irregular, se vendem os imóveis, bem como a *ocupação*, que compreende tanto a ocupação organizada, como a favelização em si.

Compreendemos que não se pode pensar a identidade territorial no processo de favelização da cidade de Mossoró dissociada do processo de migração de sertanejos em busca de postos de trabalho. Estes carregam em sua identidade as marcas do campo. Para Santos (1982, p. 38): “O subproletariado e o proletário são compostos por migrantes saídos do campo. Sem uma formação definida e, muitas vezes, sem trabalho certo no conjunto de população urbana; estes são os menos favorecidos. Muitos não encontram emprego e moram nas favelas.”

Em período mais recente, sobressai-se a precariedade das condições de moradia na cidade, ampliando significativamente o contingente de favelização. Contraditoriamente, a cidade de Mossoró se apresenta no contexto contemporâneo como uma destacada centralidade, reconhecida como uma cidade de porte médio que atende a demanda de outras cidades menores do entorno no que diz respeito a comércio e serviços, principalmente os educacionais e de saúde, também se caracteriza pelo impulso da indústria da construção civil, na construção de

⁹ Em seu livro *Planeta Favela*, Mike Davis (2006) vai para além desse conceito propondo uma nova classificação das favelas. Consultar, sobretudo capítulo 2 (A generalização das favelas).

inúmeros edifícios, com destaque para o bairro Nova Betânia, bem como pelas históricas economias do sal, petróleo e agronegócio.

Conforme argumentação de Elias e Pequeno (2010), Rocha (2005) e Pinheiro (2006), a cidade de Mossoró na década de 1980 se insere na onda global de reestruturação produtiva, apresentando acentuado processo de modernização associado às economias citadas.

Para termos uma noção do crescimento populacional da cidade, podemos citar que no ano de 1991 a cidade tinha uma população de 192.267, ao passo que no ano 2000 tinha uma população de 213.841 e 259.841 em 2010.

Na década de 1990, esse crescimento populacional, do ponto de vista dos programas habitacionais, não sinalizava soluções, como já alertava o documento preparado pelos movimentos de bairro acerca da alarmante situação da favelização da cidade de Mossoró¹⁰.

Neste documento se afirmava que com: “a migração em massa, da população pobre da zona rural, os expulsos da terra, sob a condição não desejada de “errantes da terra” para as áreas urbanas, tem sido criada a cada instante, um imenso barril de pólvora na estrutura agrária.” E ainda diz mais: “A falta do incentivo ao homem humilde do campo, vem causando os desalentos e os profundos efeitos negativos, no seio da população mais carente e, que, num desespero desenganador, como um desgarrado, o homem-família, chega à zona urbana.”

O mesmo documento aponta que: “os trabalhadores continuam sendo expulsos do campo e jogados nas periferias das cidades em condições de vida extremamente precárias e sem poderem adquirir um teto, já que os programas habitacionais do governo são inacessíveis.”¹¹

Naquele momento, foi apresentado um levantamento do próprio movimento de bairro que indicava a existência de vinte favelas na cidade¹², um número em crescimento, pensando na década de 1980, como argumentava o próprio movimento. Os recortes jornalísticos seguintes revelam a forma como a expansão do processo de favelização nos primeiros anos da década de 1990 foi apresentada pela imprensa junto à sociedade local.

Na Figura 01, destaca-se que os “terrenos baldios públicos” são propícios para o processo de favelização, pois “as invasões desses terrenos são uma constante” por essas populações de migrantes que vem da zona rural em busca de melhorias na cidade. Já a Figura

¹⁰ Documento preparado pela assembleia final do I Encontro de Lideranças comunitárias da Federação Estadual dos conselhos comunitários – FECEB-RN - Data: 08 de setembro de 1991.

¹¹ Documento preparado pela assembleia final do I Encontro de Lideranças comunitárias da Federação Estadual dos conselhos comunitários – FECEB-RN - Data: 08 de setembro de 1991.

¹² Relação de favelas município – 1991: 1 – Ouro Negro; 2 – Iraque; 3- Flores do Alto de São Manuel; 4- Batalhão;5- Santo Antonio; 6- Malvinas;7- 30 de Setembro;8-Macarrão;9-Abolição III;10- Estrada da Raiz;11- Independência;12- Redenção I;13-Redenção II;14- Carnaubal;15- Carnaubal;16- Teimosos;17- Abolição IV;18- Belo Horizonte;19- Forno Velho;20- Barrocas. - Fonte: Arquivo Manuel de Souza.

02 alerta que o processo de favelização tem atingido índices alarmantes na cidade, em consonância ao que vimos expondo.

<p>Figura 01 - Gazeta do Oeste, 25/07/1992.</p> 	<p>Figura 2 - Gazeta do Oeste, 22/04/1994</p> 
<p>Fonte: Arquivo do Movimento de Bairro.</p>	

De todo modo, avançando em nossa argumentação, de acordo com informações da Prefeitura Municipal de Mossoró¹³, em 1997 havia 32 favelas reconhecidas pela prefeitura local. Eram mais de 4 mil casas e quase 23 mil pessoas vivendo em condições precárias. Posteriormente, uma nova pesquisa de assentamentos precários urbanos realizada pelo Município em 2009 com vistas à formulação do PLHIS apontou que ocorreu uma redução do número de favelas com a intervenção da prefeitura, com 17 favelas em Mossoró, onde um levantamento mais especializado no qual indicou 11 favelas para intervenção prioritárias.

Esses dados aparecem no documento do Plano Local de Habitação de Interesse Social – PLHIS, produzido pela consultoria Start, a partir de demanda do Conselho Municipal de Habitação. De acordo com o documento, a pesquisa desenvolvida tem objetivo de apresentar as áreas mais carentes e necessitadas de intervenção pública, conforme a definição da oficina de líderes comunitários, instituições ligadas a moradia e técnicos da prefeitura de Mossoró.

Tendo em vista a oficialidade dos dados do relatório, apresentamos as comunidades visitadas para análise, que foram indicadas pelos representantes durante as oficinas do PLHIS: 1 Belo Horizonte; 2 Fumaça; 3 Tranquilim; 4 Sem Terra; 5 Wilson Rosado; 6 Quixabeirinha; 7 Santa Helena; 8 Fav. Dom Jaime Câmara; 9 Alto da Pelonha; 10 Bom Jesus; 11 Abolição; 12 Santo Antônio; 13 Barrocas; 14 Paredões; 15 Presidente Costa e Silva; 16 Bom Jardim; 17 Alto do Sumaré.

¹³ Fonte: Revista da Prefeitura de Mossoró, 2004.

Após estudos nas áreas indicadas, o relatório do PLHIS acabou selecionando algumas áreas de intervenção prioritária: 1 Belo Horizonte; 2 Fumaça; 3 Tranquilim; 4 Sem Terra; 5 Wilson Rosado; 6 Quixabeirinha; 7 Santa Helena; 8 Comunidade Dom Jaime Câmara; 9 Alto da Pelonha; 10 Santo Antônio; 11 Presidente Costa e Silva.

No que se refere às políticas públicas destinadas ao problema das favelas, de acordo com os dados apresentados pela prefeitura, entre 1997 e 2004, através de programas habitacionais da prefeitura foram construídas 4.117 casas de alvenaria, atendendo a 16.068 pessoas e “erradicando” dezenove favelas em dez localidades¹⁴.

De todo modo, observamos que na análise de Elias e Pequeno (2010) temos uma discordância da perspectiva apresentada pelo relatório. Em sua argumentação, alguns dos projetos habitacionais voltados para o reassentamento de comunidades vivendo em favelas, como aquele citado pela prefeitura, configuraram uma produção irregular de moradia pelo Estado, reunindo cerca de cinquenta assentamentos populares.

Em suas palavras: “Em parte, representam pequenos conjuntos habitacionais voltados para áreas de ocupação (favelas) que teriam sido urbanizadas ou removidas, mas cujas condições de relocação ficaram aquém dos requisitos legais” (Idem, p. 246). Desta feita, pode-se argumentar que esses projetos habitacionais continuavam marcados pela desigualdade extrema, precarização das condições de vida, sem as mínimas condições de infraestrutura básica.

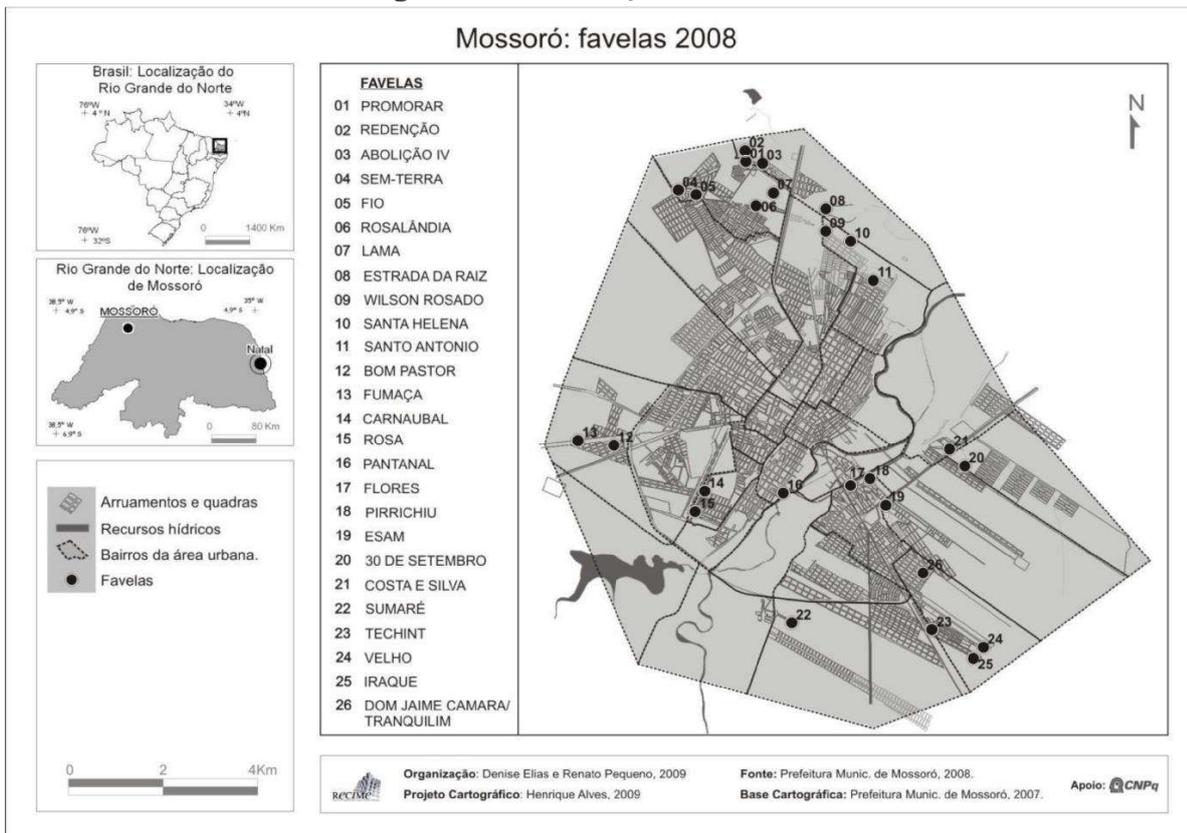
Tal situação foi constatada com o desenvolvimento da pesquisa do Grupo de pesquisa Globalização, Agricultura e Urbanização (GLOBAU). A partir de dados coletados junto à Prefeitura verificou-se a existência de 26 favelas na cidade de Mossoró em 2008, que seriam: 1-Promorar; 2- Redenção; 3- Abolição IV; 4- Sem – Terra; 5- Fio; 6- Rosalandia; 7-Lama; 8- Estrada da Raiz; 9- Wilson Rosado; 10- Santa Helena; 11- Santo Antônio; 12- Bom Pastor; 13- Fumaça; 14-Carnaubal; 15- Rosa; 16-Pantanal; 17-Flores; 18-Pirrichiu; 19- Esam; 20- 30 de setembro; 21- Costa e Silva; 22-Sumaré; 23-Techint; 24-Velho; 25-Iraque; 26-Tranquilim.

Neste artigo, após análise de conteúdo dos dados qualitativos de nossa pesquisa, procuramos destacar a situação do processo de favelização da área do Santa Helena. Com a expansão econômica da cidade e sua conseqüente expansão da área urbana, nossos informantes destacam que a maioria dos moradores desta localidade vieram de cidades menores do entorno de Mossoró em busca de emprego.

¹⁴ Fonte: Revista da Prefeitura de Mossoró, 2004

Em nossa pesquisa, ao se aproximar da favela do Santa Helena, que está localizada no ponto número 10 no mapa de favelização, tivemos como informante a assistente de saúde responsável pela comunidade, que nos acompanhou durante as entrevistas, com todo apoio necessário para apresentação dos sujeitos sociais da comunidade e suas trajetórias. Pelas informações em geral na cidade, se trata de uma das comunidades com maior índice de criminalidade.

Figura 3 - Localização Favelas Mossoró



Também nas áreas de expansão urbana da cidade, a favela do Santa Helena tem seu crescimento como uma expansão do bairro Santo Antônio, a partir dos anos 1980, quando uma leva de migrantes ao procurar emprego na cidade de Mossoró, acabou ocupando os bairros periféricos.

3. Trajetórias sociais, territorialização precária e pesquisa qualitativa

Nessa empreitada, onde procuramos dar visibilidade aos sujeitos invisibilizados pelo processo de favelização, destacamos algumas ferramentas da pesquisa qualitativa, aspectos de

fundamental importância para a coleta e análise de dados de campo. Primeiramente destacamos a pesquisa exploratória como uma forma de captar as representações dos sujeitos pesquisados, para em um segundo momento trabalharmos na construção de narrativas e trajetórias dos sujeitos pesquisados nas entrevistas.

Nesse caso, a importância da pesquisa exploratória através da entrevista não diretiva se faz fundamental, pois quanto mais espontânea e por iniciativa própria o entrevistado mencionar uma informação, mais confiável ela é. Para Becker (2007), às vezes, a melhor evidência pode ter sido coletada de maneira impensada.

Não resta dúvida que tais experiências pesquisadas não estão desconectadas da dimensão da totalidade social, mas de acordo com Lefebvre, podem se apresentar de forma inconsciente, alienada. Em suas palavras: “Segundo uma investigação conduzida pelo método linguístico (entrevistas não diretivas a seguir triagem por uma análise da linguagem) o sentido nasce obscuramente, senão inconscientemente.” (LEFEBVRE, 1969, p. 108).

O autor destaca a importância de que as entrevistas sejam abertas (não diretivas), para chegar à dimensão do vivido, permitindo que o indivíduo tenha liberdade para expor suas representações no âmbito da trajetória urbana. Para este autor, ao seguir um procedimento fechado, segundo um planejamento científico positivista de perguntas pré-formuladas em busca de respostas claras, se corre o perigo de um duplo desconhecimento, em suas palavras: “Se dejará passar las representaciones mas comunes pero tambien las mas ocultas[...] Em segundo lugar, se corre peligro de dejar pasar situaciones, interacciones e interferências” (LEFEBVRE, 1983, p. 167).

Assim, em consonância com o autor supracitado, destacamos a necessidade de entrevistas abertas (não diretivas) como primeiro momento da coleta de dados em uma pesquisa qualitativa, mas deve-se atentar que as representações captadas, através das informações congruentes, são conteúdos de pesquisa que devem ser analisados formando um núcleo de sentido para a construção de narrativas e trajetórias.

Para este autor, a pesquisa qualitativa busca a análise dos processos, a análise da experiência vivida através das representações, sem cair nas análises de sobrevoo, mas por outro lado: “se, no entanto, privilegia o econômico, corre-se o risco de não enfatizar o desenvolvimento e de abandonar o qualitativo em favor da racionalidade economista” (LEFEBVRE, 1991, p. 55) deixando de lado processos vividos. Em outra passagem ele deixa claro: “[...] O qualitativo é acima de tudo o aspecto inquietante dos problemas. Para uma racionalidade técnica certa demais, o qualitativo é o inimigo. Seu espectro assombra os escritórios” (LEFEBVRE, 1969, p. 63).

De todo modo, após a captação de um panorama geral através da pesquisa exploratória, se faz necessário uma estratégia de análise das entrevistas para a construção de narrativas. Em nossa pesquisa chegamos em algumas áreas de extrema desigualdade, onde destacamos nesse artigo uma análise profunda da favela do Santa Helena, através da construção de narrativas e trajetórias, onde identificamos que os moradores das favelas são sertanejos que migraram para a cidade de Mossoró.

A construção de narrativas dos relatos de vidas, de acordo com Bertaux (2005), consiste em considerar que há um relato de vida desde o momento em que o sujeito conta a outra pessoa, investigador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida. Para o autor: “o verbo contar (narrar) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito foi adotada de uma forma narrativa” (p. 36).

Destaca-se o entendimento do contexto como momento privilegiado de tessituras das narrativas, pois de acordo com Bertaux (2005, p. 42): “não seria possível compreender as ações de um sujeito nem a produção desses sujeitos se se desconhece tudo acerca dos grupos que ela faz parte no momento de sua existência”.

Para Kofes (2001), a narrativa seria o nexó entre experiência social e a trajetória singular. As narrativas têm como caráter geral a busca por constituir a trajetória do sujeito esquecido: levantar elementos marcantes de sua experiência em um contexto que lhe dê sentido. Assim, para os autores destacados, a noção de trajetória permite deslocar-se do sujeito e situar acontecimentos biográficos em relações no âmbito do espaço social.

Nesse sentido, concordamos com o entendimento proposto por Telles (2006, p. 69) para as trajetórias urbanas, em suas palavras: “tempos biográficos organizam trajetórias que individualizam histórias de vida e estão escritos em práticas situadas em espaços e tempos sociais.” Para esta autora, tratam-se de mobilidades urbanas, trajetórias habitacionais, percursos ocupacionais.

Contudo, para esta autora, se faz necessário traçar simultaneidades entre situações e percursos, mostrando a contemporaneidade das experiências mais díspares, fazendo um trabalho de conjugação entre dimensões diferenciadas do mundo urbano, cartografando os fios de descrição da cidade onde “as conexões entre espaços e territórios distintos, arma diagramas diferenciados de relações que definem a particularidade das diferentes situações” (Idem, p. 73).

Devemos atentar que as declarações e descrições de um indivíduo sobre um determinado acontecimento são produzidas a partir de uma perspectiva. O observador pode interpretar tais declarações e descrições como indicações da perspectiva do indivíduo sobre o ponto em questão, ou seja, sua representação.

Desta feita, em nosso trabalho, constatamos que a narrativa se forma no contexto de compreensão de que os moradores das áreas de ocupação precária da cidade de Mossoró são os mesmos sertanejos, os famosos retirantes, que nos períodos de seca procuravam as cidades em busca de sua sobrevivência, tendo em vista a dificuldade de acesso à terra e água, migravam para as cidades em busca de empregos para que pudessem sustentar suas famílias e acabavam ocupando as periferias da cidade constituindo os territórios precariamente incluídos, ou seja, as favelas.

De acordo com Entrevista cedida pelo memorialista e ativista do movimento de bairro de Mossoró – Manuel de Souza, realizada em 01/12/2014:

Hoje em dia se você der uma voltinha em Mossoró pela periferia, aqui mesmo próximo, na distância de 2km, vizinho esse conjunto novo, ali na Favela do Fio, você vê um quadro de miséria. Se você for na zona norte da cidade, ali pelo Santo Antônio, Santa Helena, Bom Jardim, para aquele lado ali você vê um quadro de miséria. Se você for para o alto de São Manuel, naquela região ali na saída para Natal, do lado esquerdo, você vê um quadro de miséria. Se você for aqui no Alto da Conceição, ali acima do Belo Horizonte, por acolá, também você vê um quadro de miséria. Está entendendo? Aqui em Mossoró, uma cidade que cresce muito, mas infelizmente os políticos não tiveram o cuidado de acompanhar com a organização da cidade, e continua aquelas pessoas vindo atrás de um apoio, pois a zona rural está muito castigada, essas pessoas que não tem terra não tem nada... Se ele não tem terra, não tem casa, coloca ali quatro pau a pique, viu , bota umas vara, bota o barro, se não tem madeira cobre com plástico, papelão, o que tiver... quer dizer, se você andar em Mossoró é um quadro de Miséria... aí vem a história das favelas...

Nesse contexto, no âmbito desse artigo, vamos apresentar o processo de favelização de uma extensão do bairro Santo Antônio, conhecido como favela do Santa Helena. De acordo com informações obtidas na Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo no dia 25/06/2015, entre os anos de 1992-1998, que foram anos de forte seca, a favela do Santa Helena teve grande crescimento com ocupação de terrenos e levantamento de casas de taipa.

Foto 01 – Favela do Santa Helena



Fonte: Trabalho de Campo – 08/12/2014

Foto 02 – Favela do Santa Helena



Fonte: Trabalho de Campo – 08/12/2014

Foto 03 – Favela do Santa Helena



Fonte: Trabalho de Campo – 15/12/2014

Foto 04 – Favela do Santa Helena



Fonte: Trabalho de Campo – 15/12/2014

De acordo com as entrevistas, constatamos que a maior fonte de renda dos moradores é o trabalho na reciclagem do lixo, sendo muitos migrantes que vieram para a cidade desde os anos 1980 e acabaram ocupando os terrenos e vacarias. Como pudemos observar nesta entrevista que conseguimos com a Agente de Saúde¹⁵:

No ano de 83 – 85 aqui era uma fazenda, povoadozinho, era uma fazenda. E era uma fazenda grande e o dono vendeu um pedaço. Essa pessoa que comprou começou a vender as terras e começou a surgir o conjunto Santa Helena. Não é conjunto, é favela Santa Helena como eles chamam. Mas de primeira era conhecida como a fazenda Santa Júlia. Ficou até diferente o nome dos santo, que de Santa Julia pra Santa Helena. Só que Santa Julia ela tá mais pra la, que é o conjunto novo que ainda vão fazer. Dos pedacinho de terra vendido é que foi fazendo o Santa Helena. Sem dizer a invasões de terrenos, que quando a comunidade vê que era terreno do Estado, eles começaram a invadir. Onde

¹⁵ Entrevista cedida pela agente de saúde, também atuante no movimento de caridade da Igreja católica do Santa Helena, realizada em 29/11/2014

eles apossaram não tem casa assim, é uma casinha de taipa ou casinha de papelão que ainda tem muito aqui, Ai lá pra dentro é que você vê isso, a casa de taipa, a casa de papelão, a casa coberta de plástico. Ele é muito grande o Santa Helena, ele ficou imenso. Uns trabalham na empresa, na cobal com verdura, na reciclagem. A maioria aqui trabalha na reciclagem, no lixão, tem até associação de reciclagem.

Então desde o início dos anos 80 teve esse movimento de ocupação, Planalto começou assim, Malvina começou assim, Vight Rosado começou assim com áreas ocupadas que futuramente viraram conjunto habitacional. Agora só quem ficou na marca do fim da linha foi Santa Helena, Malvina, favela do fio, tranquilim. Não tem movimento organizado, é cada um por si e deus por todos. Eu acho que era a necessidade porque não tinha outra opção. Tinha os sabido que se aproveitava da situação, mas a maior parte era pela precisão mesmo. Moravam com a mãe, é que aqui eles se juntam cedo sabe. Eu chamo mínino e mínina, porque tem menina lá no posto com 12 anos, com 10. Eles se juntam logo, sai logo da casa da mãe, sem saber aonde vão morar, faz a taperazinha deles. vão lá, mas não dá certo porque não é realmente o que eles querem, a maioria são crianças.

Como foi relatado, a trajetória dos moradores da favela do Santa Helena se dá como uma inserção precária na cidade, como uma precariedade da vida como um todo, onde muitos moradores que ocuparam nos anos 1980 estão lá até hoje. Não é relatado casos de movimentos organizados nas ocupações, mas ações espontâneas através da necessidade de moradia na cidade, daqueles migrantes que procuram emprego na cidade, ou mesmo de famílias que crescem com cerca de 10 filhos e não existe espaço para morar, então eles vão ocupando as terras no intuito de sair da casa das suas famílias. Através das fotos abaixo, pudemos observar as condições precárias da moradia no Santa Helena.

Em outra entrevista¹⁶, o morador ressalta que migrou da Paraíba:

Eu nasci em Pombal-PB mas me criei aqui. E vou morrer no Rio Grande do Norte.

Dificuldade aqui tem muita. Até hoje ainda tá pior de quando eu cheguei, 10 veis. Porque quando eu cheguei aqui nós durmia de porta aberta, era só os terreno, tinha dificuldade de acesso, mas hoje é pior.

por causa da violência né.

Eu passei mermo ai 45 dias debaixo de uma lona, tinha a mulher e um cachorro. Eu ia pro mato buscar uma carrada de lenha e a mulher inventava e ia mais eu.

No início era uma casa véa de taipa mesmo. Foi depois que eu cheguei aqui que fizeram esse horror de casa que você tá vendo ai. So pra tá aqui nos criava bem umas 20-30 galinha que tinha ali. Hoje em dia arrombam as porta e roubam dentro de casa. Cresceu muito mas também não tem polícia. A polícia quando passa aqui vai naquela rua ali, enrola e vai simhora . Nesse tempo eu dormia aqui de porta aberta, agora hoje o caba tem medo de arrombar a porta e matarem o caba dentro de casa. Um dia desse aqui me roubara aqui. Toraram

¹⁶ Entrevista cedida por morador favela do Santa Helena em 08/12/2014

o cadeado dessa porta aí, entraram aqui e roubaram. Levaram um ventilador, um bujão cheinho e um bucado de coisa de miudeza.

Meus vizim é esse, bom dia e boa tarde.

Quem primeiro se alistou pra casa aqui foi eu e nunca saiu nenhuma. Aqui teve gente de possuir quatro ou cinco.

Esse meu barraquim aqui quem levantou foi Deus e eu, todo dia trazia uns tijolos de um muro que desmancharam perto da fábrica de castanhas para construir essa casa.

Em uma seguinte entrevista¹⁷, os moradores alegam que vieram do Ceará para o Rio Grande do Norte em busca de emprego, onde ocuparam um terreno no Santa Helena para sua moradia e estão até hoje. Ressaltam que quando ocuparam o terreno não existia infraestrutura alguma, problemas que são existentes até hoje. A problemática do esgoto é ressaltada, bem como da violência, exemplificando a precarização da vida dos moradores da favela. Em suas palavras:

Eu cheguei aqui em 93, quando eu cheguei aqui eram só 3 casa. Não tinha passagem aqui, não existia. Não tinha água, não tinha energia, não tinha calçamento. Foi muito difícil.

Eu não sou natural daqui não, mas desde pequena eu moro aqui, a gente veio do Castanhão no Ceará. viemos porque procurar uma melhora né.

na realidade mesmo a gente vivia com as mesmas coisa. Em comparação, agente passava um ano no Castanhão, aí passava outro ano em Tabuleiro, em Limoeiro. Era assim, se a gente desse com um patrão que dava condição pra gente, agente tava trabalhando, então foi nessa época que nós vinhamos aqui pra Mossoró, nessa caminhada.

Encontremo lá no Senegal, Bom Destino, lagoinha, Maisa.

Na Maisa eu trabalhei lá 18 anos, mas antes disso os trabalho aqui era posto de gasolina, agricultura. Na Maisa eu trabalhei de lavadeiro de carro e no plantio e na castanha.

Meu pai plantava em pau branco, Senegal, mas não era só dele né, era de meia. Depois disso ele foi trabalhar na fábrica de óleo, lá no Alto da conceição.

Aqui, do tempo mesmo que eu cheguei só tem o seu Aderbal, Genival e o resto não tem mais ninguém.

Aqui alagou quando choveu muito, e falam que no terreno quando ainda era uma fazenda tinha uma lagoa, mas que foi passado o cimento e aí a água não vai mais pra lagoa e inunda.

Aqui pra nós é difícil tudo, posto de saúde, marcar consulta, exame, transporte. O estado ele não entra aqui, só até aquele mercado. Farmacia, bujao de gás so desce aqui até quatro horas, depois não desce mais.

Aqui a fossa são os aviãozinho. Você sabe o que é os aviãozim? Eles usam o saco plástico, faz as necessidade aí jogam. Aqui agora não, mas da primeira vez que eu cheguei aqui as criança adoeciam com diarreia, devido as moscas, as fezes, e a maior parte das casas são assim. Ainda hoje ainda tem os aviazim nas casas aqui...

Santa Helena não tem estrutura. Tem muita gente boa, mas não tem estrutura não.

¹⁷ Entrevista cedida por moradora favela do Santa Helena em 29/11/2014

As entrevistas, associadas ao contexto exposto do processo de favelização, salientam o processo de territorialização precária e produção da cidade informal que procuramos destacar. Se por um lado, a partir da década de 1970, se apresenta um acentuado processo de modernização da economia na cidade de Mossoró, por outro, não observamos uma distribuição social no plano da cidade, configurando uma inclusão precária.

As entrevistas aprofundam o entendimento das desigualdades no tocante a produção da cidade informal, onde temos a pesquisa qualitativa como uma forma de aproximação da problemática. As informações obtidas através das representações dos sujeitos da pesquisa nos ajudam na compreensão para além dos números do processo de favelização.

Através das aproximações com os sujeitos propiciadas pela pesquisa qualitativa, identificamos que o processo de favelização, a problemática dos lixões, proletariado expandido em empregos precários na cidade de Mossoró, apresentam elementos do caos das grandes cidades em uma cidade de porte médio.

A favela do Santa Helena se apresenta como um território precário, onde as entrevistas destacam que os moradores são migrantes que vieram de outras cidades em busca de melhorias e acabam enfrentando condições de extrema desigualdade no tocante a moradia.

Como elemento de construção da identidade territorial, observamos que o fato de os mesmos serem migrantes que vieram de outras cidades deixa explícito que carregam marcas culturais de uma identidade sertaneja. Como foi abordado nas entrevistas, bem como no contexto exposto ao longo do artigo, os sujeitos construtores da cidade informal são os sertanejos que migraram nos anos de seca para a cidade em busca de melhorias de vida.

4. Considerações finais

O processo de produção da cidade informal e da favelização na cidade de Mossoró foi abordado aqui compreendendo sua formação a partir da migração de sertanejos. Nesse contexto, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o que vem a ser estes espaços, relacionando com o entendimento geográfico de territorialização precária.

Destacamos as conceituações formais do IBGE e da ONU, mas procuramos ir além, expondo elementos para o entendimento da cidade informal e do processo de favelização como território. No caso da cidade de Mossoró, o crescimento populacional na década de 1990 se refletiu na ampliação da territorialização precária. Sabe-se que o processo de urbanização, como

um desenvolvimento capitalista da cidade, necessita da força de trabalho, bem como de um exército de reserva de trabalhadores que se sujeitem a exploração e precarização.

Trazemos a tona os números do processo de favelização através de documentos oficiais, ao passo que aprofundamos na pesquisa qualitativa sobre a favela do Santa Helena. Acreditamos que a pesquisa qualitativa é de fundamental importância na aproximação da problemática, bem como da dinâmica dos sujeitos. Utilizamos de pesquisa exploratória como estratégia inicial, onde encontramos um núcleo de sentido no fato dos moradores serem migrantes que procuram a cidade de Mossoró na perspectiva de melhorias de vida e acabam construindo a favela.

Assim, a desigualdade socioespacial ganha novo enfoque quando expomos as trajetórias sociais e os relatos biográficos, dando enfoque nos sujeitos da produção dos territórios precariamente incluídos. Ao primeiro momento trazemos o contexto para o entendimento da cidade informal em Mossoró, para arrematarmos com as entrevistas que deixam claro a problemática da territorialização precária.

5. Referencias

BARBOSA, Aline Miranda; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Reflexões sobre a atual questão agrária brasileira: descolonizando o pensamento. In: *Desafios aos Estudos Pós-Coloniais. As Epistemologias Sul-Sul.* (Org.) MENESES, Maria Paula; VASILE, Iolanda. **Cescontexto**, debates, n. 5, Maio 2014.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.

BERTEAUX, Daniel. **Los relatos de vida: perspectiva entosociológica**. Barcelona: Bellaterra, 2005.

BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Territórios e cidadania. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 48, n1, 2005, pp. 189 a 222.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna: por uma teoria da subalternidade e do luto cultural. In: **Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas**. 1ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

CASTRO, Iná Elias de. **O Mito da necessidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Holocaustos Coloniais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

DESLAURIÉS, Jean Pierre; KERISIT, Michele. **O delineamento da pesquisa qualitativa**. Editora Vozes, Petropolis- RJ, 2008.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: (Org.) SPOSITO, Maria Encarnação, ELIAS, Denise, SOARES, Beatriz Ribeiro. **Agentes Econômicos e reestruturação urbana e regional**: Passo Fundo e Mossoró. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: “do fim dos territórios” à multiterritorialidade; 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Viver no limite**: território e multi.transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MARTINS, José de Souza. **Suburbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República velha. São Paulo: Hucitec, 1992.

MARX, Murillo. Cidade no Brasil, terra de quem? SP. EDUSP, 1991

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, secretaria de cultura e desporto, 2000.

KEHL, Luís. **Breve História das favelas**. São Paulo: claridade, 2010.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Posição**: contra os tecnocratas. São Paulo: Editora Documentos LTDA, 1969.

_____. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

_____. **La presencia y la ausencia**: contribucion a la teoria de las representaciones. Fondo de cultura econômica, México, 1983

PEQUENO, Renato. Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformações e tendências. ScriptaNova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1º de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (35).

PINHEIRO, Karisa Lorena Carmo Barbosa. **O processo de urbanização de Mossoró**: dos processos históricos a estrutura urbana atual. Dissertação (mestrado). Natal: Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, UFRN, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ed. Ática, 1993.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **A expansão urbana de Mossoró**. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 7 ed. São Paulo: contexto, 1997.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo, HUCITEC, 1982.

SILVA, Raimundo Nonato. **Evolução urbanística de Mossoró**. Coleção O mossoroense 248, Ed. Duque, 1975.

TELLES, Vera da Silva. **Nas tramas da cidade**: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: associação editorial humanitas, 2006.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. Tradução: Rosara Eichenberg, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.